



Produção social da infância no entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana

Leonice Santana Ferreira dos Santos

Resumo

O objetivo central deste trabalho é apresentar os resultados do projeto de pesquisa "Produção social da infância no entorno de uma unidade de conservação", desenvolvido nos povoados Bom Jardim e Rio das Pedras, localizados na área do entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). O projeto teve como objeto de estudo a produção da infância. Seu objetivo geral consistiu em analisar as transformações provocadas pela criação do PARNASI em relação à produção da infância. Para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados para se chegar aos resultados consistiram em levantamento bibliográfico e coleta de dados junto às crianças, através do desenho infantil associado à oralidade. Os resultados parciais obtidos mostraram que a população infantil é carente de informações que deem conta dos conflitos e da realidade socioambiental da comunidade na qual reside.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Representações Sociais. Infância

Abstract

the main objective of this paper is to present the results of the research project "Social production of childhood in surroundings of a conservation unit", developed in the hamlets of Bom Jardim and Rio das Pedras, and located in the environs of the National Park of Itabaiana Sierra. The project had as study object the production of childhood. Its general objective consisted in analysing transformation provoked by the creation of National Park in relation to the production of childhood. To that, the methodological procedures used to get the results consisted in bibliographic survey and data collection along with the children through cartoons associated to orality. The partial results obtained showed that the infantile population lacks informations that comprehend conflicts and the social-environmental reality of the community they live.

Keywords: Environment; Social Representations; Childhood.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar os resultados do projeto de pesquisa "Produção social da infância no entorno de uma unidade de conservação", desenvolvido nos povoados Bom Jardim e Rio das Pedras, localizados na área do entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). O trabalho tem como objeto de estudo a produção social da infância no entorno de uma unidade de conservação.

Este trabalho tem como objetivo analisar as transformações provocadas pela criação do PARNASI em relação à produção social da infância nos povoados estudados, com base nas representações sociais das crianças sobre o meio ambiente, uma vez que a compreensão das representações sociais das crianças podem nos ajudar na reflexão e entendimento das dificuldades enfrentadas pela comunidade para se adaptar à nova realidade. Espera-se que os resultados deste trabalho possam servir de subsídio para a construção de projetos e ações voltadas para a educação ambiental nessas comunidades.

O pano de fundo deste trabalho é a realidade instaurada nessas comunidades após ter se tornado uma área natural protegida. A criação do Parque deu origem a novas relações entre a comunidade e os órgãos públicos, que passaram a influenciar no processo de socialização, inclusive das crianças que vivem na área. Após a implantação da unidade de conservação (UC), conflitos foram gerados e mudanças significativas ocorreram na vida dos moradores destas localidades, causadas pelas imposições legais de proteção à área. Tais imposições vão de encontro às atividades econômicas desenvolvidas nos povoados e ao modo de vida de seus moradores.

Com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa, procuramos realizar leituras sobre os três eixos temáticos que norteiam o trabalho: a questão ambiental nos povoados do entorno do PARNASI, representações sociais e infância.

O objetivo geral deste estudo reside em compreender a produção social da infância no entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana, tendo em vista as representações sociais do meio ambiente.

A questão ambiental nas comunidades do Parnasi

O contexto no qual vivem as crianças estudadas é constituído pelas tensões sociais, culturais e econômicas produzidas pela implantação do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). Esta unidade de conservação foi criada em 2005, através de decreto presidencial, com uma área de 7966 hectares. Seu território abrange as serras de Itabaiana, Comprida e do Cajueiro, áreas cobertas por Mata Atlântica e Caatinga, *habitat* de várias espécies de animais.

A problemática acerca da criação de áreas naturais protegidas, a exemplo da mencionada aqui, reside no modelo de preservação ambiental importado dos Estados Unidos, que visa proteger áreas desabitadas. No entanto, essa medida quando adotada em países de terceiro mundo pode trazer consequências desastrosas às populações que habitam essas áreas.

Um primeiro conjunto de problemas diz respeito ao tipo e às características das unidades de conservação existentes, pois as que são caracterizadas como prioritárias como parques nacionais, reservas biológicas e estações ecológicas não permitem a presença de populações humanas, mesmo as consideradas tradicionais que habitavam essas áreas por dezenas e até centenas de anos sem a depredarem... Em muitos casos, a expulsão dos moradores das áreas transformadas em parques nacionais tem levado a um sobre-uso das áreas protegidas e de seus arredores pelos moradores muitas vezes reassentados de forma inadequada nas proximidades dessas áreas de conservação. (DIEGUES, 2001, p. 12)

No caso do PARNASI, as comunidades que vivem em seu entorno tiveram suas vidas modificadas, a partir da instauração de uma nova

realidade socioambiental, após se depararem com limites e restrições aos usos e aproveitamento dos recursos oferecidos pela Serra, uma vez que estes moradores sempre mantiveram relações de dependência com a mesma.

As mudanças ocorridas na vida dessas comunidades, em especial na relação com o meio ambiente, dizem respeito à maneira como os sujeitos absorvem este conhecimento, tudo o que sabem e pensam e as ideias que usam para expressar e mediar suas relações.

Partimos do entendimento de que o ambiente não diz respeito somente ao espaço físico no qual as espécies e as populações biológicas estão inseridas, mas "é uma categoria sociológica (e não biológica), relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, como também por novos potenciais produtivos" (LEFF, 2001, p. 224). As restrições de uso do Parque pelos órgãos de administração e fiscalização geram conflitos e disputas de poder pelos usos legais dos recursos naturais. Conforme esclarece Mendonça (2010, p. 5):

Foi constada a presença de olarias e cerâmicas, atividade de grande impacto ambiental e que contraria as restrições de uma área de proteção. Para Mundês e os demais povoados do entorno do Parque a área tem vários significados, dentre eles as atividades econômicas.

Sejam os que possuem como atividade econômica as olarias e cerâmicas ou aqueles que trabalham com a agricultura, todos os povoados do entorno possuem uma relação de dependência com a área. Estudos anteriores revelaram que os atores sociais que possuem maior poder econômico, aliado ao conhecimento técnico, conseguem se adequar às restrições legais e dar continuidade a sua produção econômica, ao passo que aqueles com condição econômica menos favorecida permanecem constantemente inseguros e receosos de usar indevidamente os recursos que o Parque oferece e serem postos na ilegalidade. Ennes (2010, p. 130) esclarece que:

Os agentes econômicos pouco capitalizados economicamente e com pouco conhecimento jurídico e, principalmente, os moradores dos povoados mantêm-se numa condição de subordinação agravada pelos novos limites legais de uso da área da serra que os colocam com frequência na condição de ilegalidade.

É perceptível que novas relações sociais se estabeleceram nessas comunidades após se tornarem uma área de preservação ambiental, e que este fato tenha alterado as representações sociais desses sujeitos, inclusive das crianças residentes nessas comunidades. Os saberes e valores construídos pela comunidade sobre a área os ajudam a se localizarem e se movimentarem enquanto membros daquele espaço social.

Representações sociais

Para realizar uma investigação das representações sociais dos sujeitos de nossa pesquisa foi necessário entrar em contato e apreender os conceitos da teoria das representações sociais de Moscovici (2009). Sendo assim, a discussão que travamos neste trabalho é construída a partir da teoria desse autor.

Quanto às representações sociais, Moscovici (2009, p. 21) esclarece que são:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidades, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

O estudo das representações sociais das crianças no entorno do PARNASI, justifica-se por contribuir para construção de um universo de informações que deem conta dos conflitos socioambientais instaurados nessas comunidades após a criação de uma unidade de conservação, ao passo que contempla as crianças enquanto sujeitos sociais imersos em um contexto socioambiental. A compreensão das representações sociais das crianças pode nos ajudar na reflexão e entendimento das dificuldades enfrentadas pela comunidade para se adaptar à nova realidade. Os resultados deste trabalho servirão de subsídio para a construção de projetos e ações voltadas para a educação ambiental. Ferreira (2007, p. 9) enfatiza que:

O estudo da representação sobre meio ambiente é um caminho para aquisição de conhecimento, interpretação e reflexão dos diferentes olhares, valores, interesses, posições e práticas que circulam entre um grupo, uma vez que o conhecimento das representações ajudaria na construção de uma prática educativa e gestora mais comprometida.

A respeito da importância de se compreender as representações sociais sobre o meio ambiente, Reigota (2006, p. 24) explica que:

Todos os professores, professoras, diretores, alunos, pais de alunos têm representações sociais que precisam ser conhecidas e discutidas, e que não se transmite conhecimentos sobre meio ambiente sem antes conhecer essas representações e colocá-las em discussão.

Compreendemos que os adultos, sejam eles pais, professores, diretores e todos aqueles que se relacionam diretamente com as crianças, possuem representações sociais e se tornam, em certa medida, responsáveis pela construção das representações dos pequenos, que, somadas às informações obtidas através da mídia ou do contato com outras fontes de informação, contribuem para construir “uma maneira específica de compreender e comunicar o que sabem.” (MOSCOVICI, 2009, p. 46)

No contexto específico do PARNASI, a transformação da área em uma unidade de conservação UC, colocou as comunidades residentes em seu entorno em uma realidade de conflitos e disputa de poder, entre a população e os órgãos que administram e fiscalizam o Parque, pelos usos e aproveitamento dos recursos naturais ofertados pela Serra. Este modelo de preservação ambiental configura-se como uma medida "desconectada das aspirações e necessidades das populações locais" (DIEGUES, 2000, p. 2), uma vez que a criação dessas áreas acaba por desconsiderar a população humana, privilegiando a preservação da vida selvagem, gerando conflitos e alterando as representações sociais que os sujeitos possuem do meio.

Para Moscovici (2009, p. 21),

As mudanças dos interesses humanos podem gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações. Representações, nesse sentido, são estruturas que conseguiram uma estabilidade, através da transformação duma estrutura anterior.

Dentro dessa descrição, podemos enquadrar a implantação do PARNASI, que criou uma nova realidade e conseqüentemente fez emergir novas representações sociais que dessem conta de lidar com a nova estrutura social. Para Reigota (2007, p. 68), "toda forma de pensar se insere numa situação histórico-social concreta e deve ser compreendida sempre se tendo em vista sua configuração coletiva específica".

É fundamental compreender que os modos de pensar e agir dos indivíduos não são provenientes do acaso, mas são frutos da interação que exercem com o meio. Isso ocorre em todas as fases da vida, independentemente da idade do indivíduo. A esse respeito Faria, Demartini e Prado (2009, p. 71), consideram que "o ambiente social influencia a produção infantil".

Percebe-se que os sujeitos atribuem somente às instituições ou aos grupos humanos mais próximos da comunidade a aprendizagem dos

conhecimentos sobre o meio ambiente. Contudo, é importante reconhecer que eles podem ser socializados e construir representações sociais no ambiente do qual fazem parte ou de outros mais distantes da vivência diária. Sobre a socialização, Castells (1999, p. 79) afirma:

As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas... contudo, não creio que seja preciso afirmar que ambientes locais, per se, não induzam um padrão específico de comportamento ou, ainda, justamente por isso, uma identidade distinta. (CASTELLS, 2000, p. 79)

Este argumento nos ajuda a pensar a infância no PARNASI e entender como o contexto descrito aqui reflete na vida desses indivíduos, à medida que constroem significados e aprendem a lidar com a nova realidade. Subtende-se que a implantação do PARNASI em 2005 tenha alterado as representações sociais das crianças e isso se reflita no processo de reconhecimento enquanto moradoras dos povoados e na construção de valores que são reiterados na prática.

Infância

Pelo fato de investigar a infância associada à questão ambiental, tornou-se necessário saber quem são as crianças que vivem nas comunidades do entorno, o que pensam a respeito da criação do Parque, como e com quem aprendem sobre o Parque e como percebem o meio no qual estão inseridas.

Segundo Faria, Demartini e Prado (2009, p. 38):

Investigar a infância, portanto, requer do pesquisador conhecimento da história e da condição social da criança. Em contrapartida, pesquisar a relação infância, escola, e

toda a gama de relações aí imbricadas, exige do investigador a compreensão dos elementos constituídos da história da educação, da infância, da pedagogia e da escola.

Faz-se necessário, nos dias de hoje, aprender a ouvir as crianças e os jovens, uma vez que, na cultura atual, a produção social das crianças é vista sob a ótica do adulto e por este desprezada. Corsaro (2011, p. 18) explica que:

Na vida atual, as necessidades e os desejos das crianças são muitas vezes considerados como causa de preocupação por adultos, como problemas sociais ameaçadores que precisam ser resolvidos. Como resultado, as crianças são empurradas para as margens da estrutura social pelos adultos, (incluindo teorias sociais), mais poderosas, que se concentram, muitas vezes, nas crianças como potencial e ameaça para as sociedades atuais e futuras.

Faria, Demartini e Prado (2009) enfatizam que a criança enquanto ser social somente é eleita objeto de pesquisa a partir de questões que envolvem o processo de democratização do ensino no Brasil, na busca de fornecer subsídios metodológicos para a formação de professores que trabalhem com crianças.

A ausência de estudos que as contemplem como sujeitos de pesquisa é algo que chama à atenção. Há quem afirme que elas foram, por muito tempo, negligenciadas enquanto sujeitos de investigação nas ciências sociais. Corsaro (2011, p. 18) explica que "as crianças foram marginalizadas na sociologia devido a sua posição subordinada nas sociedades e às concepções teóricas de infância e de socialização". Esta entendida aqui como "processo pelo qual as crianças se adaptam e internalizam a sociedade".

Mas, nos últimos anos, esse cenário tem se alterado e o número de investigações acerca dos pequenos tem aumentado e isto é significativamente animador. Este fenômeno tem incentivado a busca por metodologias de pesquisa que deem conta do universo infantil, à medida que o olhar "adultocêntrico" do investigador seja cons-

tantemente revisto. No que se refere às metodologias aplicadas em pesquisas com crianças, Faria, Demartini e Prado (2009) deixam claro que o melhor método para estudá-las e entendê-las é dando ouvidos a elas. Dessa maneira, o pesquisador tende a fugir da visão predominante do adulto. Os autores salientam ainda a necessidade de estabelecer com o entrevistado um vínculo inicial para, depois, dar início ao trabalho investigativo.

Por tudo isso, pesquisar a infância constitui-se em um desafio para aqueles que escolhem as crianças como sujeitos de suas pesquisas, mas esta tarefa além de ser desafiadora também é instigante.

Metodologia

A opção metodológica utilizada para se obter os resultados aqui descritos se estende pelo levantamento bibliográfico acerca das frentes temáticas que norteiam a pesquisa, somado aos dados obtidos no contato direto com as crianças.

Por se tratar de pesquisa com crianças, foi necessário obter a autorização dos responsáveis. Por isso tivemos o cuidado de documentar a autorização, através da assinatura de um termo no qual eles consentiam que seus filhos fossem entrevistados.

Mas o consentimento não partiu somente dos pais ou responsáveis. O trabalho só foi iniciado quando a criança aceitou participar da pesquisa. Essa postura foi adotada porque acreditamos ser importante respeitar a criança e compreender os seus limites, inclusive no que diz respeito ao momento de iniciar ou encerrar a entrevista. Isso exige sensibilidade por parte do pesquisador quando estiver em campo em contato direto com aqueles sobre quem deseja pesquisar. Segundo Delgado e Müller (2005, p. 355), "podemos negociar com as crianças todos os aspectos e etapas das investigações: a entrada no campo e nossos objetivos, quais crianças querem realmente participar da pesquisa e contribuir com a coleta de dados".

Durante nossa visita à comunidade, utilizamos como instrumento de pesquisa o desenho infantil associado à oralidade, técnica discutida por Faria, Demartini e Prado (2009) na obra "Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças". Segundo estas autoras:

[...] a conjugação entre a produção do desenho infantil e a oralidade; aquilo que é dito enquanto se produz tem grande importância contribuindo para a educação do olhar do adulto tantas vezes desavisado, insensível, distante dos pequenos e pequenas com os quais pesquisa e trabalha." (FARIA, DEMARTINI e PRADO, 2009, p. 74)

Essa técnica foi utilizada da seguinte maneira: inicialmente, pedimos que as crianças desenhassem o lugar onde moram. Achamos melhor não dizer muita coisa a respeito do que queríamos porque pensamos que isso poderia induzi-las a reproduzir no papel nossa conversa antecipada. Por isso, propusemos apenas o desenho de onde moram e explicamos que podiam desenhar aquilo que achavam bonito, o que mais gostavam, ou até o que viam de feio. Demos tempo e liberdade para que produzissem. Optamos por nos afastar um instante do espaço em que trabalhavam para que não se sentissem intimidados com nossos olhares. A princípio, procuramos manter a neutralidade sobre qualquer assunto.

Passado algum tempo e com os desenhos prontos, optamos por iniciar a conversa e análise dos desenhos. Então, perguntamos o que tinham desenhado e por que tinham escolhido desenhar aquilo. Perguntas como essas conduziram as conversas, as quais se somaram às informações contidas nos desenhos, possibilitando ampliar o universo de informações das crianças da comunidade.

Essa metodologia foi desenvolvida com crianças na faixa etária de 4 a 10 anos. Os desenhos foram produzidos na casa dos entrevistados. Durante a ocasião, conseguimos reunir grupos de amigos, os quais realizaram suas produções em espaços compartilhados. Acreditamos que o fato de desenharem no espaço de suas casas ou dos amigos os tenha deixados mais soltos e envolvidos com as

produções. O mesmo ocorreu durante a conversa. À medida que iam explicando o desenho e o porquê de terem desenhado isso ou aquilo, mostravam-se mais confiantes por estarem na presença de seus pares. Entre risos, falas e os traços que surgiam no papel, elas revelavam um pouco da infância vivida naquele contexto social.

A utilização do desenho infantil conjugado à oralidade torna-se um instrumento metodológico importante:

[...] a possibilidade e a fecundidade de uma relação dialética que leve em conta a plasticidade dos comportamentos, sua vinculação às mudanças de caráter social, histórico e cultural e, mais ainda, que considere a criança, como ser social que é alguém que nesse movimento, também se apropria e constrói cultura". (FARIA, DEMARTINI e PRADO, 2009, p. 98)

Para analisar os desenhos, procedemos da seguinte maneira: realizamos uma comparação a partir do gênero de seus autores. Para tanto, dividimos em dois grupos os desenhos dos meninos e os das meninas. Depois, realizamos a análise do tamanho das figuras em relação ao da folha, posicionamento dos desenhos (no centro, nas laterais ou cantos da folha), repetição dos desenhos - visto que certos elementos foram repetidos diversas vezes, os elementos que aparecem nos desenhos, representações da natureza ou de construções humanas.

Todos esses fatores foram levados em conta no momento da análise. Além disso, utilizamos o material coletado a partir das conversas desenvolvidas durante a produção dos desenhos.

O contato direto com os sujeitos de nossa pesquisa, a oportunidade de ouvi-los e de nos inserirmos nos espaços em que eles habitam foi de fundamental importância para compreender a produção social da infância no PARNASI e identificar até que ponto a questão ambiental instaurada na comunidade, após a criação da Unidade de Conservação, alterou a vida desses indivíduos, no que diz respeito ao processo de socialização.

Num primeiro momento, foi percebido que os elementos da natureza fazem parte das representações sociais das crianças do entorno, ainda que a serra não apareça nos desenhos e que a natureza seja retratada em desenhos que se refiram a árvores frutíferas, plantas e flores cultivadas nos arredores das casas.

Preliminarmente, foi constatado que a Serra e, conseqüentemente, o Parque Nacional Serra de Itabaiana são vistos como algo geograficamente distante das crianças. Durante uma conversa, uma das crianças expôs a vontade de conhecer a serra; logo em seguida, disse: "Mas é longe... se for sozinho se perde".

É importante registrar aqui que os assuntos relacionados à serra somente surgiram após a pesquisadora colocar este assunto em discussão, uma vez que durante a produção do desenho e logo depois, quando iniciamos a conversa para discutir as produções, notamos que os elementos que eram registrados não diziam respeito ao PARNASI.

A análise dos desenhos e das conversas desenvolvidas durante a produção dos mesmos nos ajudou a pensar a infância no povoado estudado tendo como pano de fundo a implantação do PARNASI. Segundo Derdyk (2004, p. 95), "muitas vezes, a interpretação verbal efetuada pela criança é mais rica e criativa que o próprio desenho, sendo este o suporte da fala, da narração". A fala consegue ampliar a compreensão do desenho à medida que retira a interpretação apenas do plano visual.

Compreendemos o quanto a questão ambiental ainda é pouco discutida. As crianças, em nenhum momento, citaram a unidade de conservação. A serra foi posta em discussão, mas não como algo que chamasse a atenção das crianças. O discurso dos pequenos colocou a serra como algo 'desconhecido'. Mesmo que a vejam de suas casas, ela ainda é 'desconhecida'. Fatos como este nos faz questionar como a implantação do PARNASI alterou a produção da infância nessa comunidade.

Considerações finais

Os dados obtidos até o momento apontam que o PARNASI não faz parte do universo infantil. As crianças ainda se mostram alheias ao fato de estarem inseridas em um contexto socioambiental. Ao que parece, os pequenos são carentes de informações que deem conta da realidade local e que os levem a refletir sobre os problemas da comunidade. Esse dado é preocupante, quando nos damos conta de que esses sujeitos não têm acesso ao conhecimento em nível local, ou seja, das especificidades do próprio grupo.

Através dos desenhos, percebemos que há um aparente distanciamento entre as crianças e o PARNASI. Apesar de árvores, flores, gramas aparecerem nos desenhos, as falas das crianças revelaram que esses elementos são da serra, mas as plantas e árvores frutíferas dos arredores de suas casas.

Os resultados obtidos foram suficientes para suscitar outras questões que nos ajudarão a compreender melhor a socialização das crianças relacionada à implantação do Parque. Uma dessas questões diz respeito à função da escola frente à realidade socioambiental do povoado e a conscientização de seus moradores.

Acreditamos que o aprofundamento deste estudo, através da compreensão das representações sociais das crianças, pode nos ajudar na reflexão e entendimento das dificuldades enfrentadas pela comunidade para se adaptar à nova realidade. Os resultados deste trabalho podem servir de subsídio para a construção de projetos e ações voltados para a educação ambiental, em especial, o estudo de conceitos presentes na realidade local.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C. C., MÜLLER, F. (2005) "**Sociologia da Infância: pesquisa com crianças**" *Educação e Sociedade*, vol. 26, n. 91, p. 351-360. Campinas Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a02v2691.pdf> acesso em 05 de fevereiro de 2013.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho infantil**: desenvolvimento do grafismo infantil. 3ªed. São Paulo: Scipione, 2004

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.

_____. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In:_____. **Etnoconservação**: Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.

ENNES, Marcelo Alário: Reestratificação social em áreas de preservação ambiental: o caso dos povoados Bom Jardim e Mundês em Itabaiana/SE. **Cadernos CERU**. Vol. 21, n. 1. São Paulo, 2010, p. 129-144.

FARIA, Ana Lucia Goulart de. DEMARTINI, Zeila de Brito Frabi. PRADO, Patrícia Dias. **Por uma Cultura da Infância**: metodologias de pesquisas com crianças. 3. ed. Campinas, São Paulo, 2009.

FERREIRA, Carla Fernanda et al. Análise das representações sociais sobre meio ambiente de técnicas e professores das Secretarias de Educação e Meio ambiente de municípios da bacia de Campos- RJ. **Atas do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de Ciências**. Florianópolis, SC, 2007. p. 1-12.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MENDONÇA, Manoel Messias: Identidade, poder e meio ambiente, 2010/1. Relatório parcial de Pesquisa-**PICVOL**. UFS/Itabaiana.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Sobre a autora

Leonice Santana Ferreira dos Santos: Licenciada em Letras Português (UNIT), especialista em Educação Especial e Inclusiva. Mestranda em Educação (UFS/NPGED). E-mail: leonicefsantana@hotmail.com